

THORZINHO



Revista Literária

ISSN 3086-3961

Volume I – Núm. 09 – 04 de outubro de 2026

Poemas - Página 20



Palavras aos leitores e às leitoras

Há datas que parecem nascer umas para as outras. E esta edição da **Revista Thorzinho** chega ao mundo justamente em um desses encontros bonitos do calendário: **4 de outubro, Dia Mundial dos Animais, Dia de São Francisco de Assis e Dia da Natureza**. Três motivos para celebrar a vida, três caminhos que se encontram na mesma estrada do amor, três pequenas luzes que nos lembram que cuidar dos animais e da natureza é também cuidar da própria vida.

São Francisco de Assis, que abraçou a simplicidade e enxergou nos animais seus irmãos e companheiros de criação, nos ensina que a ternura não deve ter fronteiras. Um cachorro, um gato, um passarinho, um cavalo, uma borboleta ou qualquer outro animal não é apenas uma presença passageira em nosso mundo. É uma vida que sente, que procura abrigo, que reconhece carinho, que sente medo, que brinca, que espera e que pode estabelecer conosco laços de amor que palavras humanas jamais conseguem explicar completamente. Quando uma criança abraça um animal, existe ali uma linguagem que dispensa dicionários: é a linguagem do afeto.

Por isso, publicar a **Revista Thorzinho** nesta data tão especial nos enche de uma imensa alegria. É como colocar uma pequena flor sobre a mesa do mundo e dizer que ainda acreditamos na delicadeza. É como abrir uma janela para que entrem o canto dos pássaros, o cheiro da terra depois da chuva, o barulho das folhas balançando ao vento e a alegria de um animal correndo livremente. Nossa revista nasceu para celebrar os animais, a infância, a natureza e esse mundo bonito que precisamos ensinar às crianças a amar e proteger.

Agradecemos, com todo o nosso carinho, aos nossos **colaboradores**, que emprestam seus talentos, seus desenhos, suas palavras, suas ideias e seus sonhos para que cada edição aconteça. Cada colaboração é como uma sementinha colocada na terra. Algumas florescem em poemas, outras em histórias, outras em desenhos e outras em pensamentos, mas todas ajudam a construir este pequeno jardim chamado **Revista Thorzinho**. Nosso agradecimento também é imenso aos nossos **leitores**, crianças e adultos, que abrem estas páginas e fazem com que elas ganhem vida. Uma revista só existe verdadeiramente quando encontra olhos dispostos a lê-la e corações dispostos a recebê-la.

Mas esta edição também chega acompanhada de uma tristeza profunda.

Hoje, enquanto celebramos os animais e a natureza, nossos corações estão feridos pela morte brutal da cachorrinha **Cláudia Mel**, na cidade de **Baraúnas, no Rio Grande do Norte**. Não conseguimos passar por esse acontecimento como se fosse apenas mais uma notícia. Para quem ama os animais, a dor é enorme. Uma vida foi interrompida de maneira cruel, e fica em nós uma tristeza difícil de explicar.

Por isso, esta edição da **Revista Thorzinho** é dedicada à memória de Mel.

Que seu nome não seja esquecido. Que sua pequena vida seja lembrada com carinho. Que sua história nos faça pensar sobre a responsabilidade que temos diante de todos os seres que dependem de nós para viver. E que seja feita justiça. Que os responsáveis por tamanha crueldade sejam devidamente responsabilizados, dentro da lei, para que a morte de Mel não seja simplesmente esquecida no tempo.

Pedimos também, em nossa fé, que **Mel descanse para sempre nos braços do Nosso Senhor Jesus Cristo**, onde não exista violência, medo ou sofrimento. Que ela encontre, no céu, um

lugar de paz, cheio de campos verdes, flores, árvores e liberdade. E que, de alguma maneira que somente o amor consegue compreender, ela possa correr novamente, feliz e sem medo, por entre as paisagens eternas.

Estamos muito tristes.

Mesmo sendo uma revista que nasceu para levar alegria às crianças, sabemos que a alegria não precisa apagar a tristeza. Às vezes, precisamos chorar para lembrar o quanto uma vida importa. Precisamos sentir indignação para desejar um mundo diferente. Precisamos falar sobre a crueldade para ensinar às crianças que nenhum animal deve ser machucado por diversão, raiva ou qualquer outra razão. E precisamos transformar a dor em compromisso.

Que a história de Mel nos ensine a olhar com mais atenção para os animais que encontramos pelo caminho. Que nenhuma criança cresça acreditando que maltratar um animal é uma brincadeira. Que nenhum adulto se acostume com a violência. Que nossos lares sejam lugares de proteção. Que nossas ruas sejam lugares de respeito. Que nossas cidades aprendam a acolher aqueles que não podem pedir socorro com palavras.

Neste **Dia Mundial dos Animais**, neste **Dia de São Francisco de Assis** e neste **Dia da Natureza**, queremos celebrar a vida, mas também lembrar que celebrar a vida significa defendê-la.

Que esta edição seja, portanto, uma pequena homenagem a todos os animais que já passaram por nossas vidas e deixaram suas patinhas marcadas em nossos corações. Alguns ficaram conosco durante muitos anos; outros partiram cedo demais. Mas todos deixaram alguma coisa de si. Talvez seja por isso que, quando perdemos um animal que amamos, parece que uma pequena parte da casa fica silenciosa para sempre.

Mel, esta edição é para você.

Que suas patinhas encontrem descanso.

Que sua memória encontre amor.

Que sua história encontre justiça.

E que nunca mais uma vida tão pequena precise conhecer uma crueldade tão grande.

Aos nossos colaboradores, nosso abraço.

Aos nossos leitores, nosso carinho.

Aos animais, nossa eterna gratidão.

E a você, Mel, nossa pequena homenagem.

Descanse em paz nos braços de Jesus.

Que o mundo aprenda, finalmente, que todo animal merece viver com dignidade, cuidado e amor.

Com carinho e com o coração profundamente triste,

Rosângela Trajano

Editora-chefe



Contos

Finalmente, a liberdade. Três mil seiscentos e cinquenta e três riscos na parede da cela, um para cada dia vivido na degradante Penitenciária Agrícola de Monte Cristo.

Desde seus verdes anos, Mameluco externava imenso amor à floresta, permanecia horas a observar os movimentos mais sutis, pequenos insetos e animais de maior porte. Abraçava **árvores**, sentia verdadeira afeição por elas. Esse intenso sentimento, porém, tornou-se a ponte que o levou ao cárcere.

Na ocasião, ele caminhava pela mata, quando escutou forte ronco de motores. Seguiu na direção daquele som e presenciou as ordens aos berros do capataz de rico fazendeiro local dirigidas a alguns homens. Cessadas as ordens, o ruído de muitos decibéis tornava a ser ouvido: motosserras.

O trabalho consistia no corte de árvores. Vários troncos já se encontravam preparados para serem levados a serralherias clandestinas. **Ação ilegal**, aquela era uma área protegida, que deveria permanecer intocada.

Mameluco ensandeceu. Dotado de força sobre-humana, como se possuído, arrancou a motosserra das mãos de um dos trabalhadores.

Horas depois foi encontrado apático, sem tino e todo ensanguentado. Nem um machucado sequer em seu corpo.

A alcunha Mameluco derivou de sua origem; filho de uma macuxi e de um garimpeiro galego, que por lá passou, apenas para fazer mal à moça.

Nasceu albino. Tal “defeito de cor” fez com que fosse renegado pelos seus. **Não pereceu** graças ao resgate por um padre, que anos antes decidira pregar o evangelho nos longínquos rincões do norte de Roraima.

Liberto do presídio no terceiro milésimo seiscentésimo quinquagésimo quarto dia, o ex-detento, poucas semanas depois, trabalhava como auxiliar de cozinha em um bom hotel da capital roraimense, graças ao incentivo fiscal concedido a empresários, como retribuição compensatória àqueles que estendiam a mão a esse público, oferecendo-lhes oportunidades para não reincidirem no crime.



Representantes dos poderes republicanos locais convidados pelos empresários, além destes, participavam do jantar. Discutia-se ousado projeto de ampliação de áreas urbanas em Roraima. A iniciativa angariava simpatia e entusiasmados elogios de todos. Vislumbrava-se futuro promissor. Ninguém pensava na floresta a ser sacrificada em detrimento desse projeto.

As luzes oscilaram qual pisca-pisca em árvore de Natal. Um ser albino, magrelo, desengonçado e com fúria no olhar caminhou em direção à grande e farta mesa. Temerosos, os comensais tentaram fugir. Em vão. As portas estavam todas trancadas.

Na manhã seguinte, os jornais noticiavam em manchetes de letras garrafais o reaparecimento de Mimirã. Atribuía-lhe a autoria da chacina, cujas vítimas constituíam seleto grupo com quase todas as principais autoridades daquele Estado.

Há quem acredite na lenda, até contam ‘causos’ de suas inúmeras aparições, sendo aquela tragédia, mais uma dessas.

Em coletiva à imprensa o Secretário de Segurança interino desmentiu a fantasia e assegurou total empenho das forças policiais para encontrar o facínora. Na sequência, o Comandante da Polícia Militar, com semblante sério e pesaroso, externou solidariedade às famílias enlutadas. Por dentro, contudo, exultava e, em silêncio, agradecia a todos os santos pela forte (e abençoada!) enxaqueca, na noite anterior, que o impediu de ir **àquele** jantar fatal.



Crônicas

ANIMALESCOS

Um cientista visionário e meio maluco, chamado Wolfgang Sdruchler, após anos de pesquisa usando métodos questionáveis e obscuros, conseguiu algo nunca antes visto na história da humanidade: fez animais personificarem humanos.

Dentro do seu projeto científico ele propôs que os animais “voluntários” da pesquisa vivessem como seres humanos por trinta dias, após isso, ele colheu os resultados através de uma entrevista com cada um deles.

Feito todo o processo de coleta, ele finalmente expôs as opiniões dos animais em um artigo científico, que foi recebido com certa dúvida e incredulidade no meio da ciência.

Mas de toda forma, seguem aqui alguns dos relatos mais curiosos encontrados na pesquisa do doutor Wolfgang Sdruchler:

— Aqui vamos ouvir as opiniões e experiências de cada indivíduo como ser humano, começando com o cavalo, que nos trará suas observações:

— Olha, doutor Sdruchler, o homem tem uma vida miserável, vive correndo para lá e para cá, e parece que sempre tem alguém querendo montar nas suas costas, é uma vida horrível e sem sentido...

Agora é a vez da barata tecer suas opiniões sobre o ser humano:

— Pois bem, eu não me senti completamente confortável ao ver como o ser humano trata seus resíduos, guardando em casa, em grandes cestos, empilhando quinquilharias, deixando coisas juntarem poeira, não sei como consegue viver cercado de tanto lixo! E ele mesmo é quem produz isso tudo!

Vamos ao relato do polvo:

— O homem vive reclamando, dizendo que precisaria de mil braços e um dia de cinquenta horas para fazer tudo aquilo que precisaria fazer, mas olha só, para ser sincero, acho o homem um molenga, querendo se enfiar em qualquer canto, é isso, não vejo futuro para a humanidade, e o que é a propaganda moderna? Tudo são telões, telinhas, telonas, e repetições sem fim! Eu preferia a época dos grandes murais, teria mais simpatia de ver um monte de tinta esparramada por aí.

Seguimos com o relato do caramujo:

— O homem é uma espécie curiosa, não assumindo sua própria lentidão, construindo máquinas super-rápidas para se locomover, e assim, não aproveitar a paisagem. No geral, achei os humanos uns fracassados, afinal, vivem em uma dita “sociedade” que obriga os homens a terem empregos extenuantes, parece que querem carregar a própria casa nas costas, coisa mais sem sentido...

E passamos ao relato da cobra:

— O ser humano, muitas vezes, se apresenta como um ser vil, traiçoeiro, se esgueirando por aí! Esperando o primeiro vacilo e te dão o bote. Ali não se pode confiar em ninguém. São baixos e se rastejam atrás de fama e sucesso, fazem de tudo pelo dito dinheiro, enfim, louco é quem confia nessa espécie.

Também foi muito curioso o ponto de vista dos macacos:

— Os seres humanos são uns palhaços. Vivem fazendo gracinhas um para o outro, querendo chamar a atenção. Eu não sei bem o que eles pretendem com isso, mas me dá assim, um certo receio de estar perto deles, e sabe o que me indigna? É saber que tem um besta que disse que eles são meus parentes biológicos, chega a dar um certo desespero!

Também foi entrevistado o papagaio:

— Eu confesso que fiquei em dúvida com alguns conceitos dos humanos, por exemplo: eles falam em ser livres, ir e vir, liberdade disso, liberdade daquilo, mas vivem tentando cercear a liberdade do outro. Não pode falar assim, essa palavra não se deve mais dizer, isso não pode falar, a comunidade não aceita esse vocabulário... e fazem isso em casas com muros altos, arames, cercas elétricas, alarmes, câmeras de segurança... depois falam de liberdade, trancados dentro de grandes gaiolas!

Não menos curioso foi o ponto de vista do porco.

— Esse povo vive na lama! Chafurdando em ideias e conceitos completamente ultrapassados, que servem apenas para agradar uns poucos, vivem no meio da sujeira, e parece que gostam disso! Eu mesmo não consigo entender essa turma.

Chocante foi o relato da formiga:

— Achei eles completamente insignificantes. Não vejo qual a relevância deles no universo, e digo mais: se os humanos sumissem, o planeta não sentiria falta deles em nada!

O doutor Wolfgang Sdruchler prometeu que replicaria também o experimento com espécies vegetais, mas foi prontamente desincentivado por seus colegas cientistas:

— Doutor Wolfgang Sdruchler, tem coisas que a humanidade não precisa saber...

Lucas Ribeiro

Lucas Ribeiro é escritor, cronista e tradutor e intérprete de Libras. Em sua escrita, explora com humor, ironia e olhar atento as situações aparentemente comuns do cotidiano, transformando pequenos acontecimentos em reflexões sobre o comportamento humano.

É autor do livro *Coisas que a Gente Pensa... Ou Não* e *Manual Não Oficial do Comportamento Humano*, e agora o recém-lançado *Faz de Conta que Entendeu*, além de participar de revistas e antologias literárias. Seus textos transitam entre o humor, a observação cotidiana e a reflexão, buscando encontrar o inusitado justamente naquilo que costuma passar despercebido.

Dedica-se à produção de novas crônicas e projetos literários, mantendo como característica a tentativa de fazer o leitor pensar — e, quando possível, rir enquanto pensa.



ENTRETENIMENTO

Entretenimento: é a ação de divertir, distrair ou passar o tempo, abrangendo atividades como lazer, hobbies, espetáculos (teatro, cinema, TV) ou jogos. É sinônimo de diversão, passatempo e recreação.

Ao menos é o que diz o dicionário. Mas será mesmo assim tão fácil definir o que é entretenimento? E mais ainda, o que me entretém, não necessariamente entretém você, às vezes sim, às vezes não, podemos ter pontos em comum, como a leitura, já que eu gosto de ler e evidentemente você está aí lendo também. Mas nem tudo será ponto pacífico.

Claro que em uma miscelânea de opções existentes nos nossos tempos, eu me agradarei de coisas que você não se agrada, e vice-versa, e tudo bem, não vamos perder nosso tempo de recreação brigando não é? Ou ao menos não deveríamos, se é o nosso tempo de lazer, vamos descansar, de que adianta sair para atividades recreativas e passar o tempo emburrado, melhor ficar em casa. E não precisamos ir nos mesmos lugares, temos tantas opções hoje em dia que não damos conta de uma fração do entretenimento disponível.

E quando não existiam tantas opções, como as pessoas se viravam pra dar aquela desestressada? Em remotas eras, não se podiam contar com televisão, celular, megashows, shoppings, parques arborizados e pavimentados, e muito menos com cinemas e serviços de streaming, palavras tão presentes hoje em dia. Mas então como as pessoas desopilavam depois de uma semana puxada de trabalhos manuais e desgastantes?

Podemos fazer um breve exercício imaginativo, já que as opções eram mais escassas, podemos elencar que passeios seriam próximos a residência da pessoa, já que não contavam com automóveis, motocicletas nem ônibus, e também a semana era puxada, e longe das vilas e aldeias se exporia a perigos desnecessários, como ataques de feras e saqueadores. Talvez tivesse alguma taberna em seu povoado, mas não existe a garantia de que essa pessoa seria um frequentador assíduo, talvez devido a fama do lugar, ou para evitar problemas em casa com seu cônjuge. E que dizer de música? Não era encontrada com a mesma facilidade que temos hoje em dia, e mesmo naquela época, não eram todos que nasciam com o dom de tocar e cantar, e instrumentos musicais eram caros e difíceis de encontrar.

Talvez sobre para o nosso camponês sair e conversar com vizinhos, (já que ler era privilégio para poucos) os mesmos de sempre, que ele conhece há muitos anos, e que já conhecia seus pais, que herdaram aquela mesma propriedade dos avós, portanto, muitos anos de conversa envolvidos já. Talvez fosse até difícil encontrar tantas novidades...

O entretenimento só passou a se tornar comum e banal, quando se tornou um grande negócio que rende muito dinheiro, e os descendentes dos camponeses que não tinham muitas opções passaram a ter milhares de opções, e nem se lembram da dureza que as pessoas enfrentavam para poder se distrair um pouco.

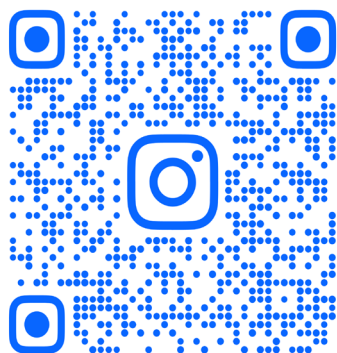
Esse texto não vai mudar sua vida, muito menos a do camponês que não tinha opções de entretenimento fácil, mas talvez faça você pensar duas vezes antes de brigar em casa sobre o que assistir ou que música ouvir. Afinal, você é um dos “privilegiados” do nosso tempo.

Lucas Ribeiro

Lucas Ribeiro é escritor, cronista e tradutor e intérprete de Libras. Em sua escrita, explora com humor, ironia e olhar atento as situações aparentemente comuns do cotidiano, transformando pequenos acontecimentos em reflexões sobre o comportamento humano.

É autor do livro *Coisas que a Gente Pensa... Ou Não* e *Manual Não Oficial do Comportamento Humano*, e agora o recém-lançado *Faz de Conta que Entendeu*, além de participar de revistas e antologias literárias. Seus textos transitam entre o humor, a observação cotidiana e a reflexão, buscando encontrar o inusitado justamente naquilo que costuma passar despercebido.

Dedica-se à produção de novas crônicas e projetos literários, mantendo como característica a tentativa de fazer o leitor pensar — e, quando possível, rir enquanto pensa.



ESCRITORLUCASRIBEIRO

O CACHECOL

Sabe quando você se olha no espelho e pensa: “hum, hoje eu não estou combinando com nada”?

Pois é. Imagine um cachecol.

Ele era um cachecol simples. Cor neutra. Lã macia, mas sem estardalhaço. As franjas, vivas, mas emboladas. Ele morava no fundo da gaveta, entre meias órfãs e botões que ninguém lembrava de onde tinham caído.

— Eu não combino com nada — ele suspirava toda vez que alguém abria a gaveta.

As luvas, por exemplo, eram um par completo. Andavam sempre juntas, enroladinhas uma na outra. Dormiam de mãos dadas. O cachecol olhava para elas e sentia uma ponta de inveja.

— Elas se têm — ele pensava. — Que bom pra elas...

O chapéu vivia no topo da cabeça do dono, todo imponente. As camisas combinavam perfeitamente com o paletó. E ele? Ele era só um cachecol.

— Eu sou o acessório que sobra — ele repetia. — O terceiro na dança, aquele que ninguém se importa, só lembram de mim no frio e na chuva...

Um dia, na secadora, ele se esbarrou numa meia listrada.

Ela era colorida, vibrante. O cachecol ficou todo bobo. Estava encantado com ela e em como a meia não se importava de suas cores e formas. Achou que finalmente tinha encontrado alguém.

— Nós dois juntos vamos ficar ótimos! — ele disse.

A meia listrada ajeitou o elástico, olhou com pena para o cachecol, já sabendo para onde ia a conversa, e respondeu de forma doce mas resoluta:

— Veja bem, eu já tenho par. Ele é meu par. Você é legal, mas... você é um cachecol. E eu já tenho com quem combinar. Eu já vim junto com meu par há muito tempo.

O cachecol saiu da secadora cabisbaixo.

— Não adianta — ele suspirou. — Querer combinar com quem já tem par é coisa de trouxa. Você vira peso.

Aí ele começou a reparar nas luvas. E foi aí que a coisa ficou feia.

As luvas não só tinham par como viviam se gabando disso.

— Nós combinamos perfeitamente! — uma dizia.

— Perfeitamente! — a outra ecoava, quase gargalhando.

Elas se enrolavam na gaveta como duas cobras em dia de sol. Dormiam abraçadas. Acordavam abraçadas. O cachecol olhava, olhava, e sentia uma coceira estranha na lã.

Não era ciúme. Não era inveja. Era uma raiva surda, que ele mesmo não sabia explicar. Só sabia que queria dar um nó nas duas.

— Vocês duas se merecem — ele resmungava baixinho. — Eu aqui... feito uma cobra cega, todo perdido e embolado.

Mas um dia o dono ganhou um presente.

Era uma gravata. Simples, cores sóbrias, pequenas listras na diagonal.

O dono colocou a gravata junto com o cachecol na primeira vez que saiu para um evento.

— Que conjunto bonito! — alguém disse.

O cachecol quase desmaiou de emoção.

Ele e a gravata se olharam. Ela brilhava sem querer brilhar. Ele era simples sem querer desaparecer. Pareciam feitos um para o outro.

— Acho que combinamos — disse a gravata, num tom tímido.

— Eu também acho — respondeu o cachecol. — Finalmente.

E assim passaram anos. Viagens. Frio na janela. Dias de vento. Noites de sofá. O cachecol parou de reclamar. Parou de olhar para as luvas. Parou de suspirar para as meias.

Ele tinha encontrado seu par.

Só que um dia... A gravata enroscou na lavadora, e se rasgou, sem chance de costura, ou remendo.

O dono tentou substituir com outra gravata, ela era legal, mas não era a mesma. A outra brilhava diferente. O par estava quebrado. O cachecol, sem a sua parceira, perdeu o sentido.

Ele também já estava velho. A lã, desfiando. A cor, desbotada. Os fios, soltos.

O dono ganhou um cachecol novo. Mais moderno. Mais colorido.

O cachecol velho foi parar no fundo da gaveta de novo.

— Lá vem o Terceiro na Dança — cochicharam as luvas, abraçadinhas.

Dessa vez, ele não respondeu.

Ali, no escuro, ele ficou pensando.

— Poxa — ele disse baixinho, para si mesmo. — Passei tanto tempo com raiva das luvas. Tanto tempo desejando a meia que já tinha par. E não vi que a minha beleza não era combinar. Era estar ali. Firme. Quente. Fiel.

E completou, com um nó na garganta:

— A gravata se foi. Mas ela existiu. E enquanto existiu... nós combinamos. Talvez a vida seja assim: um tempinho de combinação perfeita no meio de anos de solidão. E tudo bem. Porque, por um tempo, eu fiz sentido.

Combinar com alguém não é sobre ser igual. É sobre estar junto. E se você está no fundo da gaveta agora,

não se preocupe. Alguma hora aparece uma gravata. A vida é assim: feita de encontros, despedidas e algumas combinações perfeitas que não duram para sempre. Mas duram o bastante.

E se você encontrou sua gravata, aproveite, cuide, se sinta como o cachecol: completo e combinando.

Dê valor para ela, para quando vocês não puderem mais estar juntos, poder olhar para trás e dizer:

— Enquanto eu lembrar dela, ela ainda existe, desse modo será eterno...

Lucas Ribeiro

Lucas Ribeiro é escritor, cronista e tradutor e intérprete de Libras. Em sua escrita, explora com humor, ironia e olhar atento as situações aparentemente comuns do cotidiano, transformando pequenos acontecimentos em reflexões sobre o comportamento humano.

É autor do livro *Coisas que a Gente Pensa... Ou Não* e *Manual Não Oficial do Comportamento Humano*, e agora o recém-lançado *Faz de Conta que Entendeu*, além de participar de revistas e antologias literárias. Seus textos transitam entre o humor, a observação cotidiana e a reflexão, buscando encontrar o inusitado justamente naquilo que costuma passar despercebido.

Dedica-se à produção de novas crônicas e projetos literários, mantendo como característica a tentativa de fazer o leitor pensar — e, quando possível, rir enquanto pensa.



Tessa, a gata felina

Luizinho Trocate



Foto do autor – um gato manhoso

“Tessa, a Gata” é um romance (Cassandra Rios) que, jovem, li eu diria até com “desmedido interesse”. Cassandra Rios era uma autora perseguida e ameaçada pela ditadura militar, rejeitada pelas “elites culturais” seja lá o que isso signifique, mas de uma intensidade incrível, textos fortes e marcantes; hoje pouco lembrada, mas marcou um tempo, uma geração.

Bom, esse texto não pretende ser uma biografia da autora, mas a historinha de uma gatinha que se chamava – em homenagem à personagem – Tessa. Não, não era minha! Era de uma garota que conheci, uma amiga querida. Essa amiga vivia indo comigo à Biblioteca para pesquisas, ríamos muito, brincávamos e, por vezes, Tessa nos acompanhava. Eu não chegava muito perto da gata (Tessa) devido minha velha alergia a gatos; chegar perto desando espirrar!

A gatinha ia numa sacola e era muito engraçadinha. Como era proibido entrar animais, ela, como se soubesse disso, ficava quietinha, meio adormecida. Ao sair, corria pelo gramado atrás de passarinhos, mas era só pra assustá-los (prefiro pensar assim, felinos são caçadores). Um dia Tessa correu demais e não voltou!

Foi um desespero atrás da gata. Cartazes nos postes, boca a boca pelo bairro. Solicitação à Rádio Clube e nada da gatinha. Minha amiga, emagrecia, como se dizia à época, “a olhos vistos”. E a Tessa virou poeira, virou pesadelo, virou sonho, perdeu-se na memória, dos outros, não da minha amiga que não desistia e da minha também que ela não deixava.

Um dia, passeando por um conhecido parque da cidade, a garota viu – viu mesmo – Tessa no colo de uma senhorinha bem idosa, cabelos branquinhos, ao sol em uma cadeira de rodas, a velhinha olhava e acariciava a gatinha com tanto amor, tanta ternura que minha amiga fingiu que não viu, virou as costas e, para minha surpresa (mas nem tanto, desprendimento era uma de suas características que mais me impressionavam), fomos embora, no caminho, enquanto tomávamos um milkshake, ela com os olhos umedecidos disse “eu não poderia tirar a Tessa dessa senhora; o olhar que ela dirigia à Tessa demonstrava tanto amor, que acho que nem eu. Tive meu tempo de felicidade com a gatinha, agora ela está fazendo outra pessoa feliz”. Grande Garota!

Compreendeu que felicidade não se perpetua, os momentos felizes ficam na lembrança e tentar resgatá-los nem sempre é uma boa ideia, principalmente quando esse resgate implica “tornar outras pessoas infelizes”.

Tudo tem seu tempo.



Luizinho Trocate & Chico, o “netinho” gato

Sobre o autor: Luizinho Trocate (heterônimo de Luiz Ramos), natural de Andradas MG; Psicanalista, Teólogo, Escritor, Empresário. Diversos trabalhos publicados em jornais, revistas, livros, sites, teatro. 05 filhos, um menino e 04 meninas.

Livros publicados: “Sobre a Terra”, “Paris, Minas”, “Segurança do Trabalho - um jeito novo de viver”, “Os bichos”, “Sobre todas as cores”, “Contrastes”, “São Paulo Minha Cidade.com”. Contatos: slramos224@gmail.com. Direitos autorais protegidos conforme Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998

Biscoito

Estávamos dormindo quando começamos a ouvir o ruído de algum animal andando sobre o forro de madeira da casa. Era algo comum, pois morávamos no último bairro da cidade de Rio Claro, no interior de São Paulo. Talvez fosse a última casa do bairro, e era frequente o saruê aparecer no telhado. Pensamos que fosse um deles andando sobre o forro.

No dia seguinte, abri a porta que dava para o espaço de lazer, olhei para cima e vi a cabeça de um gato olhando para mim. Coloquei um potinho com ração sobre uma cristaleira que ficava próxima de onde ele estava. Depois de um tempo, vi que ele havia descido, comido a ração e retornado ao forro.

Após alguns dias, como ele já estava se acostumando conosco, tirei uma foto e a deixei na portaria do condomínio fechado, informando que aquele gato perdido estava em nossa casa. Ninguém respondeu ao nosso aviso, e o gato acabou ficando conosco. Ao gato amarelo de pelos compridos, demos o nome de Bolacha, pois achávamos que era uma fêmea. Depois de algumas semanas, descobrimos que era um macho, e a Bolacha virou Biscoito.

Ele já era castrado e acabou se acostumando com a Mochê, outra gata da casa, mas não agradou à Bola, a gata branca que também já morava conosco. A Bola vivia estressada com o Biscoito e escondida em algum lugar da casa.

O Biscoito me chamava de madrugada tocando levemente o meu braço ou a minha bochecha com a pata para que eu levantasse e fosse com ele até o pote — que, na verdade, já estava cheio de ração. Isso aconteceu ao longo de vários anos. Aos poucos, o Biscoito foi se apegando à minha esposa, e tornou-se comum ele dormir sobre ela.

Depois de onze anos, mudamo-nos para a cidade de Gramado. A nova casa foi construída pensando nos gatos e nas cachorras. Comumente, o Biscoito ficava no gatil, sobre uma muretinha, olhando para o terreno em frente à casa. O gatil era inteiro telado e dava acesso ao interior da residência por meio de uma pequena portinhola móvel. Assim, os gatos saíam de casa para o gatil ao bel-prazer.

Depois de quase quatro anos morando na nova casa, o Biscoito partiu. Calculamos que ele tinha quase dezoito anos de idade quando morreu.

Massanori Takaki - Gramado, RS

Escritor e roteirista, graduado pela UNICAMP, com pós-graduação pela UNIFESP, doutorado sanduíche na Universidade de Newcastle-upon-Tyne, Inglaterra, e dois pós-doutorados na Universidade de Wageningen, Holanda. Lecionou na UNESP. Tem Lato sensu em Cinema e Linguagem Audiovisual e em Jornalismo Digital pela UNESA.



Poemas

Gatinhos

Os gatos são bichinhos
Geniais e também são
Muito, muito especiais.

Muitos gostam de gatos,
Isso posso dizer:
Amo gatos!
E você?

Para ajudar,
Eu quero te dizer,
Proteja os gatos com seu viver.

Para finalizar quero conscientizar,
Os gatos não tem que sangrar
Mas sim, amar!

Alice Ferreira dos Santos tem 13 anos e é estudante na cidade de Guarapari, no Espírito Santo. Ama os animais e adora escrever poesias.

Participa pela primeira vez da revista. Soube da divulgação através da professora Renata P. Meneguete Gaspar.

Abraço apertado

Aprecio ficar em sua companhia,
Com o sol iluminando o ambiente,
E com você desfrutar da calma,
Enquanto nos aquecemos totalmente.

Podemos ficar assim por mais tempo,
Vou escutar o bater do seu coração,
Enquanto falamos como um passatempo,
E você escuta a minha respiração.

Amanda Laurentino

Amanda é natural de São Paulo e reside na Zona Leste da cidade. Bacharel em Jornalismo, Técnica em Biblioteconomia e em Museologia, tem uma pesquisa reconhecida sobre Racismo e Classe Social no Jornalismo Policial. Possui habilidades em análise de discurso, análise de conteúdo e conservação e preservação de patrimônio cultural. Desde muito cedo nutre um forte interesse pela pintura e desenho (hashura e aquarela com café) e a escrita, em especial a poesia.

amands.cl@hotmail.com e instagram: @amandaclaurentino



O clamor da terra seridoense

Ariane de Medeiros Pereira

São José do Seridó/RN

Nas terras áridas do sertão,
onde o sol repousa sobre as pedras
e a caatinga aprende a florescer na escassez,
cantava-se a vida
e a memória dos antepassados.

Nos serrotes cristalinos,
entre grutas e paredes,
permanecem impressas as marcas
daqueles que viveram há milhares de anos,
deixando na pedra
os vestígios de suas vidas,
suas vivências,
suas lutas
e seus caminhos.

Aos olhos apressados do presente,
talvez sejam apenas pequenos borrões,
traços quase esquecidos
na imensidão das rochas.

Mas para quem sabe escutar a terra,
cada marca é uma voz,
cada desenho é uma lembrança,
cada gruta guarda um pedaço
da história que nos antecede.

E então a terra pergunta:

**Se não cuidarmos desses serrotes,
o que restará para o futuro?**

Se a pedra for ferida,
se a caatinga for destruída,
se os animais perderem seus caminhos,
se as águas forem esquecidas,
quem contará às próximas gerações
que aqui existiu tanta vida?

O futuro poderá encontrar
apenas o silêncio
onde antes havia memória.

E aquilo que hoje parece pequeno,
um risco na pedra,
uma árvore retorcida,
um animal escondido entre os espinhos,
poderá ser amanhã
tudo o que restará
de uma paisagem inteira.

Por isso, preservar o sertão
é preservar a própria história.

É cuidar das terras áridas
que, mesmo sob o rigor do sol,
guardam uma biodiversidade
que insiste em viver.

É compreender que a caatinga
não é terra vazia,
mas território de resistência,
de beleza,
de ancestralidade
e de vida.

O Seridó clama.

Clama pela proteção de seus serrotes,
pela conservação de suas grutas,
pela vida que nasce entre pedras,
pela fauna que percorre seus caminhos,
pela flora que resiste à estiagem.

Clama para que o homem compreenda
que não somos donos da terra,
somos parte dela.

E que preservar hoje
é permitir que amanhã
a memória continue viva.

Que as pedras continuem contando histórias,
que a caatinga continue florescendo,
que os animais continuem encontrando abrigo,
que as águas continuem procurando seus caminhos.

Porque, quando protegemos o sertão,
não estamos apenas salvando uma paisagem.

Estamos salvando a memória,
a biodiversidade,
a ancestralidade
e a própria possibilidade da vida.

**Que o Seridó permaneça vivo,
para que aqueles pequenos borrões nas pedras
nunca sejam apagados
ou esquecidos!**

***Minha companheira Polly II**

Chego em casa,

ela não faz mais festa.

Não salta, nem pula abanando o rabinho,

não corre mais para pegar a bolinha

e, sequer, vem fazer o tradicional narizinho.

Precisou partir e me deixar.

Tempos atrás,

uma fenda lateral no portão era seu binóculo

a olhar-me indo para o trabalho,

triste em seu choro canino.

Cadê ela?

Polly, a cadela companheira,

amiga de toda hora.

Se foi.

Agora, faço da janela meu binóculo

a procurá-la pela rua, pela calçada e pelo jardim

por onde passeava animada e contente;

sinto-me triste em meu choro humano.

Ela me esperava voltar para tudo recomeçar,

como dói não ter mais este encontro.

Não fui eu quem a adotou,

foi ela quem adotou a mim.

Foram quase treze anos de alegrias;

precisou partir, descansar,

e, como um anjo perfeito,

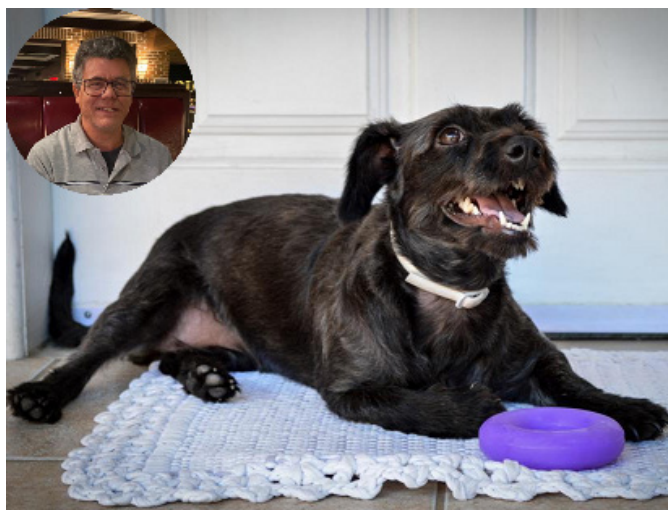
vai me guardar e proteger.

Descanse em paz minha carrapatinha,

continuaremos grudados no coração para sempre.

**Poema em homenagem à Polly, que partiu a semana passada, no dia 29 de setembro. O primeiro “Minha companheira Polly”, foi escrito em fevereiro de 2015 e publicado na Revista Barbante 52 e Animalisa 6. Polly foi retirada das ruas de Belo Horizonte por meu filho, em 6 de novembro de 2013, com idade aproximada entre 3 a 4 anos (Estimativa feita pela denteição). Morreu com mais ou menos 17.*

Bernardo Santos, 62, aposentado, natural de Cristais – MG, residente em São Caetano do Sul – SP. Tem publicações em antologias, jornais, revistas impressas e digitais, além de premiações e menções honrosas em concursos literários no Brasil e Portugal. Seu último trabalho solo é o romance histórico O aluno do Passado (e-book Amazon, 2022). As participações mais recentes estão na e-Coletânea Pasárgada: Territórios da Imaginação (FênixArt/AudiÓptico – Curitiba/PR), nas revistas LiteraLivre 59 (Jacareí/SP), Folklorika 1 (Vila Velha/ES) e na natalense Barbante 189.



Primaverando

Flores dançam ao vento, leves,
Fazem a vida em cores breves.
O sol se vai no abraço dourado,
E o céu sorri, sereno, encantado.

O perfume invade cada espaço,
Rios sussurram num compasso.
Borboletas pintam o azul em voo,
Natureza canta em tom de renovo.

Primaverando, os sonhos brotam,
Em cada pétala, histórias contam.
E entre risos, passos e encantos,
A estação floresce em pelos cantos.

Daniel Bezerra

15/04/2025

Enquanto houver sol

Enquanto houver sol a brilhar,
A vida dança em seu esplendor,
As flores despertam a sonhar,
E o mundo se enche de amor.

Pássaros cantam em harmonia,
No céu azul, um manto de paz,
E cada raio traz a linda melodia,
Que a natureza sempre nos traz.

Enquanto houver sol a iluminar,
Os corações pulsarão contentes,
A esperança vai em nós ressoar,
Nos sorrisos, nos dias presentes.

Assim que não falte a luz do dia,
E nem a força do amor em ação,
Enquanto houver sol, e a alegria
Nós viveremos todos, em união.

Daniel Bezerra

24/03/2025

Silício da chuva

Silício da chuva, gota a dançar,
Nas folhas, começa por brilhar.
Beijos de nuvens, carinho sutil,
Despertam a terra muito febril.

Cascatas, em prantos de amor,
Mistérios, revelam-se em flor.
Cada gota, o segredo a contar,
No silício da chuva, forte pulsar.

Reflexos, no chão resplandece,
A força da natureza, não fenece.
Silêncio que fala, cada respingar,
Na dança da chuva, um celebrar.

Sob o véu de um céu de cristal,
O silício da chuva, tão especial.
Traz a esperança, e renovação,
Na sinfonia da vida, é a canção.

Daniel Bezerra

14/03/2025

O analfabetismo da alma é a única estatística que nos condena ao frio.
Acreditava na frieza dos números:
linhas tortas desenhando um país sem estantes,
homens sem páginas, olhos sem margem.
Eu habitava a solidão dos que leem a sós,
cercado pelo eco de salas onde a palavra nunca teve corpo.

Então, a travessia.

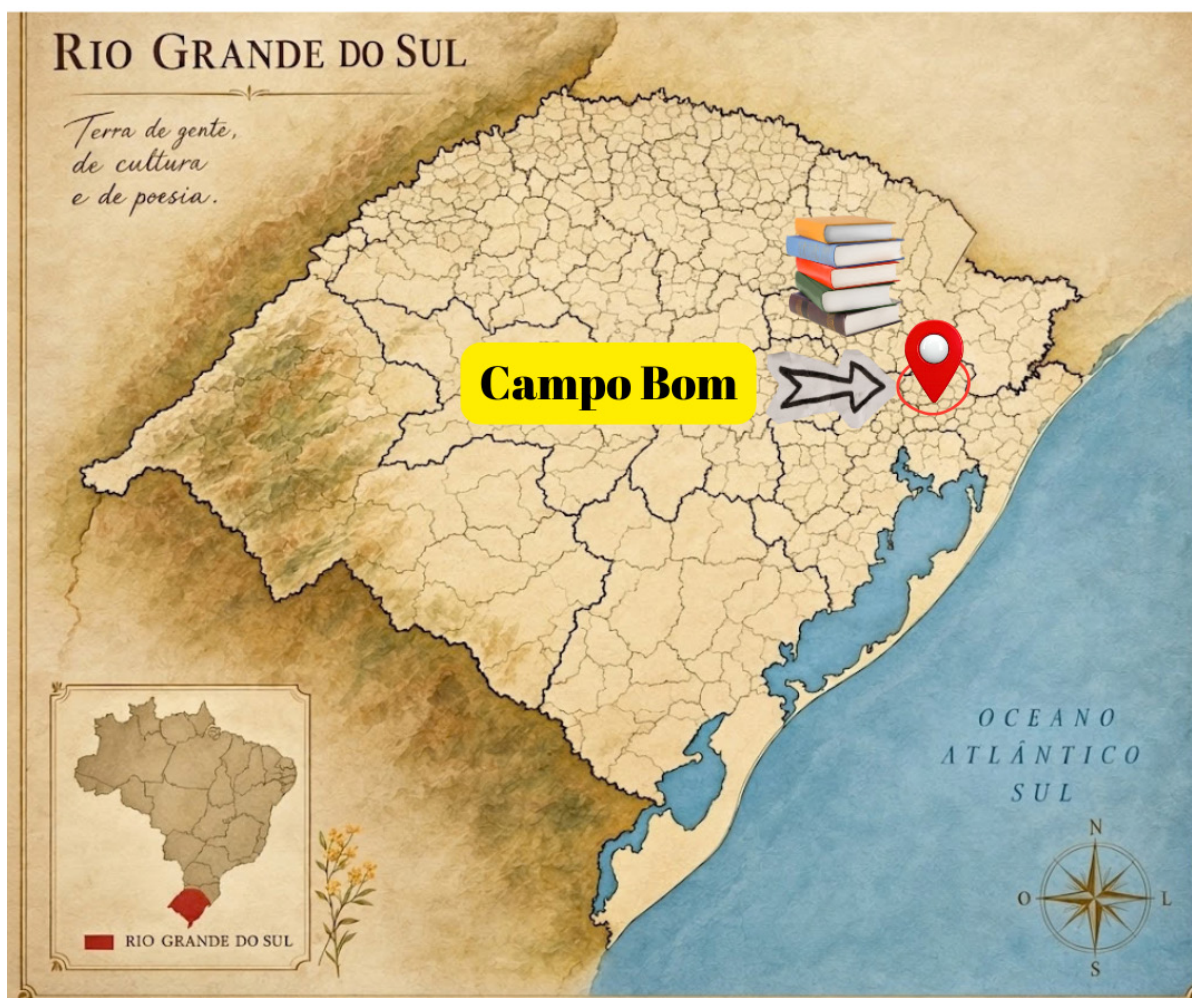
Naquela sala, o gráfico ruiu.
Onde previam o deserto,
brotou floresta; olhos famintos,
dentes cravados na carne viva dos textos,
mãos que seguravam versos como quem segura o próprio sustento.
Ali, o Brasil não era uma margem esquecida;
era um pulso aberto, batendo no meio da mesa.

E veio a Geni,
não a da pedra e do açoite cantada por Chico,
mas a Geni-semente, parteira de versos,
sopro de livros a germinar sobre o chão de Campo Bom.
Quando abria a boca, não pronunciava nomes;
deixava cair as entranhas de Clarice no chão,
erguia os escombros e a dignidade do quarto de despejo de Carolina,
desenhava as marcas nas costas pelo traço de Jeferson,
escavava a memória profunda pelo punho de Ana Maria.
Ela não ensinava; desfazia nossas anestésias.

Eu saía de cada encontro sem peso, mas carregado de mundo.
Um sustento que a fome comum não conhece.

Agora, a sala se esvaziou.
O silêncio do fim de curso tem um peso de metal frio na garganta.
Mas não há retorno para a semente que rachou a casca.
Escreverei.
Escreverei o poema, o ensaio, a dor, o romance e a crônica,
porque aprendi a geografia secreta dessa terra:
se existe uma turma disposta a salvar a palavra no mundo,
há de haver, em algum canto do mapa,
outros olhares famintos, prontos para a leitura.

Este poema é uma homenagem aos meus colegas e professores do Curso de Formação de Escritores, promovido pela Associação Literária de Campo Bom (ALCB), e em especial à professora Geni Copini, que com seu amor imenso pela literatura contagiou e segue contagiando a todos nós.



Campo Bom (RS): Onde participei do Curso Formação de Escritores. (Ilustração criada com IA)

Instagram: @esperaspoeticas

Sobre o autor: Edson Luiz da Silva Briato é natural de Campo Bom (RS). Licenciado em História e tecnólogo em Marketing, possui especialização em Educação pela Pesquisa. Escritor e entusiasta do fazer literário, encontra na obra da polonesa Wisława Szymborska sua principal fonte de interlocução e inspiração poética. Foto:



O protetor dos animais

Oh, meu São Francisco

Abençoe os animais!

Só quem ama

Entende como são especiais.

São Francisco, a fé é instrumento,

Livre-os de todo sofrimento,

Que o humano não faça maldade

Os animais merecem liberdade.

Somos todos seres do mesmo criador

Eu peço que ninguém cause dor.

Animais são a alegria da natureza

Dai a eles a necessária defesa.

Peça a proteção

Independente de religião

Que ele cuide do seu bichinho

Isso é amor e carinho.

Iteuane Casagrande, capixaba, vivendo em Berlim. Formada em pedagogia,

participante de antologias com poemas e contos, microcontos e crônicas.

Apaixonada pelo mundo das palavras, escreve desde a adolescência. Sua

inspiração provém das pessoas com quem convive, dos momentos de saudade, das

histórias que lê ou vive e de tudo aquilo que toca seu coração.

Instagram: @entrepalavraserimas.iteuane

Sobre o poema:

No dia 04 de outubro é comemorado o dia Mundial dos Animais e também o dia de São Francisco de Assis, o protetor dos animais.





Nossos queridos, todos os animais

Olhar profundo, alma que sente
Não são pedaços em nosso prato
Vida que pulsa, igual a gente
São companheiros de livre trato

Chega de dores, chega de luto
Mudar o hábito traz salvação
A terra oferece o seu fruto
Respeito vivo no coração

Sentir a paz que vem da escolha
Olhar o bicho com compaixão
Ver a beleza em cada oleaginosa, leguminosa, folha
Trocar o garfo pela afeição

O amor protege, cura e abriga
Salvar a vida, negar o fim
Faz da existência grande amiga
Cuidar do mundo que vive em mim

Vamos refletir...

Os animais não são ingredientes, não são alimento, são como a gente. Querem e dão amor.

Em seu próximo prato, reflita.

Sua opção faz renascer a vida.

Quando for ao mercado lembre que aquela carne cortada e enrolada em um plástico era vida, amor e alegria.

Dizer que ama os animais e amar só os de casa... Será isso Amar os animais? Amar é amar a todos; o porco, a galinha, o peixe, o boi...

Isso é amor e compaixão!

Querida bicharada

No olhar manso do boi

A alma reluz

No ronronar do gato

Um mistério que é só luz

No jeito do porco afeto

No piar da galinha devoção

No quintal, amor sem distinção

Pois todo Ser que Sente

Nasceu para ser amado

Ser querido por completo

Diz o mestre, em divina lição

“NÃO MATARÁS”

A vida é um sopro de emoção

Cada animal é amor incondicional

Que protege, cuida, ama de coração.

AMARÁS E CUIDARÁS

Será nosso destino

Do grande ao pequenino

Pois ninguém caminha

Quando só cuida do seu caminho

Amar a todos os animais igualmente

Boi, porco, galinha, gato e cachorro

A todos como um presente

As águas dos rios eram só festa

antes vivas eram corredeiras

Hoje choram por sua floresta

e a liberdade das cachoeiras

Rios em dor

O dinheiro compra o verde e gera a guerra

O desmatamento devora a mata e o ar

Trazendo a miséria

Fazendo o sofrimento aumentar

As águas dos rios eram só festa

antes vivas eram corredeiras

Hoje choram por sua floresta

e a liberdade das cachoeiras

A miséria se assenta onde havia fartura

O desmatamento avança, a madeira desaparece

A floresta chora sua amargura

E o sofrimento do povo só cresce

Na corredeira a esperança ainda corre

Onde houve a liberdade hoje só há dor

Pois a essência da mata não morre

O rio clama por vida e por amor



Minibiografia

Karla Oliveira, @catoli54, é escritora, graduada em Pedagogia, lecionou na rede pública do Rio de Janeiro e no Instituto Helena Antipoff. Com formação em Psicanálise e pós graduada em Filosofia, Sociologia, Psicoterapia, Psicologia, Neuropsicopedagogia, Neurociência, Educação especial e Gestão de Recursos Humanos. É autora de 6 livros, participou de mesas de debates em importantes eventos Literários no país, como autora e mediadora, e tem diversos textos publicado em revistas literárias e coletâneas, nas quais foi finalista em poemas e contos. Faz parte do Movimento Neomarginal, da Coletiva Literalmente Elas e do Coletivo Escrevientes. Atualmente está trabalhando na escrita de outros livros.

Acredita

Acredita nos seus sonhos.

Não desista de luta.

Sonhar nunca foi fácil.

Temos que continuar.

Lá, lá bora sonhar.

Se você sonha você

pode realizar.

Oh lá, lá.

Vem sonhar.

Não desista dos seus sonhos.

Vamos juntos realizar.

A poesia é muito linda.

Sonhar é mais ainda.

BIOGRAFIA:

Liécifran Borges Martins é uma compositora, escritora, parodista e poetisa Brasileira. Formada Técnica em Química pelo Instituto Federal do Espírito Santo IFES. Membro da academia interamericana de escritores (AINTE) com patronesse Ruth Guimarães ocupando cadeira de número 39 De 2023 a 2025. Começou a escrever em seus 14 (quatorze) á (quinze) anos de idade. Ganhadora de vários títulos literários em diversas regiões, estados e municípios do Brasil e também internacional. Participa de diversos concursos literários como revistas, antologias e coletâneas. Em 2024 foi ganhadora XXI congresso brasileiro de poetas trovadores a ser realizado em venda nova do Imigrante ES.

INSTAGRAM @liecifranborgesmartins



ANGÚSTIA

Tu me dizes, “deixe de chiste!”,
Pois, seriamente já afrontaste,
O quanto sobrosso passaste,
Quando de ti me despediste.

Toleima emerge, oh! doce dislate,
Subsistirei resoluto a tal embate?
Cacofônico sinônimo de disparate...

Marcus Hemerly

ERŌTIKÓS

Do éter do meu caos, a mente extrai
A deusa de suor por quem decai;
Mas quando essa quimera desce à cama,
O sonho é devorado pela chama.
Não há altar que dome o nosso instinto,
Cravados no úmido e quente labirinto.

Eu bebo a exaustão da tua tez febril,
Num rito majestoso, atroz e vil.
Teu âmago fende-se em flor incandescente,
Vertendo a linfa impura, espessa e ardente.
Profano a sacristia do teu corpo nu,
Onde sucumbe o “eu”, esvai-se o “tu”.
O anseio idealizado em mim forjado
É, na tua fricção, recompensado.

Eis a epifania da luxúria exata:
O mito que o teu toque desbarata,
Fazendo-se real, lascivo, obsceno,
Num transe de doçura e de veneno.
O que a mente pedia, a língua abarca,
E o dente em tua carne deixa a marca.
Recebo o precipício em mélico fugaz,
Num coito simultâneo e voraz.

Desejo e gozo, em mórbida obsessão,
Fizeram-se um só nó, uma convulsão.

Ficamos a sugar, até a dor,
O caldo derramado desse amor.

Na lúbrica utopia consentida,
A morte encontra o ápice da vida.

Marcus Hemerly

MINIBIOGRAFIA

Marcus Hemerly, é natural de Cachoeiro de Itapemirim/ES, formado em Direito, é servidor público do Poder Judiciário do Estado do Espírito Santo. Dr.h.c em literatura. Autor das obras solo “Verso e Prosa: Excertos de Acertos”, “Versos Anversos”, “Alvéolos da Alma” e coautor em antologias poéticas e de contos. É colunista de cinema, contribuindo para sites e jornais eletrônicos. Pesquisador independente de cinema, precipuamente sobre os temas “Cinema Marginal Brasileiro” e “Horror Italiano”.



SOB O LUAR DA PRIMAVERA

Sonhos se eternizam sob o luar
Brincam fantasias na janela
Festas agitam as noites de primavera.
No peito florescem desejos e quimeras,
Buscas de dias mais esperançosos
Fazem-se presentes na alvorada.
Arco-íris sorri nos horizontes floridos
Chuva fina acalma as lágrimas
E um baile de gaivotas abre a manhã.
Corações em alvoroço despertam nostalgias:
É primavera, tempo de florações,
De renascimentos e crescimento espiritual,
De férteis colheitas na caminhada,
Com o sol a nos brindar de energia criativa,
Transformada na poesia do dia a dia.

Rita Queiroz

SABORES DE GARDÊNIA

Giram sóis no jardim
Andorinhas bailam
Doces segredos confessados

O MESMO SOL

Benesses de banhos de luz
Natureza em transformação
Terra oxigenada

Rita Queiroz

CLÁUDIA MEL

Teu rabinho belo
Balança agora
Nos céus dos bichinhos
Teu latido amigo
Deixou saudades
Hoje e amanhã
O palhacinho chorará
E eu vou te amar

Rosângela Trajano



Relatos de Experiências

RELATO DE EXPERIÊNCIA — INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NO ENSINO BÁSICO: ENTRE DESAFIOS E POSSIBILIDADES

Márcia Gonzaga de Brito

marciabitorio@gmail.com

Rio de Janeiro, RJ

A presença cada vez mais intensa da Inteligência Artificial (IA) no cotidiano brasileiro tem provocado mudanças profundas na maneira como diferentes grupos sociais interagem com a tecnologia. No contexto educacional, essas transformações tornam-se ainda mais significativas, uma vez que não é possível dissociar escola e sociedade. Foi a partir dessa constatação que passei a observar, de modo sistemático, como estudantes e professores da Educação Básica têm lidado com o uso crescente de ferramentas de IA — especialmente em atividades de leitura, escrita e pesquisa escolar.

No ambiente da sala de aula, tornou-se frequente a identificação de textos produzidos por IA, mesmo quando a orientação docente é pela construção de textos autorais. No entanto, compreendi que o plágio, embora potencializado pelas novas tecnologias, não é uma problemática exclusiva da era digital: ele acompanha a escola há décadas, em práticas de cópia manual, trabalhos prontos e adaptações superficiais de materiais externos. A IA não criou o plágio — apenas lhe deu novas formas.

Foi nesse cenário que aprofundei minhas reflexões, alinhando-as ao debate contemporâneo sobre ética, autoria e formação docente. Como defendo em Medeiros (2025), “o uso da inteligência artificial para futuros professores não se limita ao plágio, mas à perda da intencionalidade pedagógica e da auditoria reflexiva. A educação contemporânea, portanto, deve formar sujeitos capazes de compreender, criticar e co-criar com a IA, reconhecendo-a como instrumento de mediação cognitiva e ética, e não como substituto do pensar humano”.

Nas práticas pedagógicas que acompanhei, percebi que muitos estudantes tendem a acreditar em respostas automatizadas como verdades absolutas. Em vários exercícios, identifiquei citações inexistentes, informações históricas distorcidas e conceitos ultrapassados — todos produzidos por sistemas de IA. Esses episódios se tornaram oportunidades formativas: a partir deles, propus aos alunos atividades de problematização e verificação das informações, incentivando-os a desconfiar, analisar e comparar dados. Os professores, por sua vez, puderam explorar estratégias para estimular o pensamento crítico sobre conteúdos automatizados, reforçando que a IA pode errar e que o papel humano é interpretar, contextualizar e validar.

Essas experiências dialogam com debates atuais sobre ética e transparência no uso da IA na educação. Como afirma Paulo Roberto Córdova (2025), no livro *Quem escreve o conhecimento? Um guia para o uso ético, responsável e transparente da Inteligência Artificial Generativa na educação e na pesquisa*, compreender o funcionamento da tecnologia, seus limites e riscos é fundamental para uma adoção consciente, que fortaleça — e não fragilize — a autoria e a autonomia dos sujeitos.

Vivenciar o cotidiano escolar diante dessa revolução tecnológica tem me mostrado que a IA não está apenas transformando a educação: ela está redesenhando seus fundamentos. Em um contexto em que algoritmos escrevem, avaliam e criam ao nosso lado, a fronteira entre produção humana e automatizada torna-se tênue. A escola do presente — e do futuro — precisa decidir de que maneira quer participar desse processo: como espectadora passiva ou como protagonista crítica.

Minhas reflexões e práticas descritas aqui se entrelaçam com trajetórias de pesquisa já consolidadas em produções recentes (MEDEIROS, 2024; 2025), nas quais discuto a relação entre educação, ética e transformação cultural. Entendo que integrar a IA de forma responsável exige mais do que normas: exige consciência pedagógica, intencionalidade crítica e compromisso com o desenvolvimento humano em sua integralidade.

Referências bibliográficas

CÓRDOVA, Paulo Roberto. *Quem escreve o conhecimento? Um guia para o uso ético, responsável e transparente da Inteligência Artificial Generativa na educação e na pesquisa*. Disponível em: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/1134078>.

MEDEIROS, Janiara de Lima. *Inteligência artificial na formação de professores: desafios éticos, pedagógicos e culturais na era digital*. In: OPEN SCIENCE RESEARCH XXI. 2025. p. 655-676. DOI: <https://doi.org/10.37885/251020488>.

MEDEIROS, Janiara de Lima. *Uma leitura para a liberdade: diálogo entre Gramsci e Freire*. In: Congresso Nacional de Educação na Contemporaneidade. Natal: Amplamente, 2024.

MEDEIROS, Janiara de Lima; CARVALHO NETO, Cassiano Zeferino. *Entre a crise e a reinvenção: inovação como cultura, comunicação científica e formação docente na escola pública brasileira*. Revista de Comunicação Científica, v. 7, n. 20, 2025.

PELAS VEREDAS DA ALFABETIZAÇÃO:

LEITURA E LETRAMENTO.

Patrícia Costa Pontes

CIEP Brizolão Municipal 328 Marie Curie

Duque de Caxias, RJ

Este relato de experiência refere-se ao projeto submetido para fins do II Prêmio Magda Soares alfabetização transformando vidas pela leitura, em 2025. O trabalho aborda a vivência da prática pedagógica em uma turma de alfabetização com faixa etária entre 6 e 7 anos, da CIEP Brizolão Municipalizado 328 Marie Curie, da cidade de Duque de Caxias. A importância do relato desta prática, pode servir como base estatística ou como ações pontuais e específicas que revelam o quanto podemos influenciar e transformar as vidas dos “nossos pequenos” durante o processo de alfabetização em sala de aula em verdadeiras viagens e descobertas por meio da participação, interação social e do imaginário infantil.

O projeto visou a valorização do conhecimento prévio que a criança tem sobre a leitura e a escrita, seja de forma autônoma ou mediada, considerado como essencial para sua evolução neste início de formação e construção para posterior apropriação do nosso código linguístico. Ressaltando aqui, a importância do letramento no processo de alfabetização por meio de atividades significativas e contextualizadas para consolidação da aprendizagem.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para fundamentar a prática pedagógica deste projeto é importante citar as diferenças entre os conceitos de alfabetização e letramento, em que Emília Ferreira ao falar de alfabetização, foca na psicogênese da escrita, entendendo que as crianças constroem hipóteses sobre a escrita, e que o aprendizado ocorre em um processo ativo onde a criança interage com o objeto de escrita. E no que se refere ao conceito de letramento, Magda Soares destaca a relação entre a alfabetização e o letramento, argumentando que é preciso aprender a ler e escrever textos, mas também a usar essas habilidades em práticas sociais, defendendo um projeto pedagógico que integre essas duas dimensões de forma contínua e sistemática.

Assim, durante o processo evolutivo da alfabetização, período de compreensão e decodificação da escrita e leitura, a prática do letramento deve estar presente de forma simultânea com atividades e estratégias diversas que façam as crianças entenderem a função social da leitura e escrita. Pois segundo Magda Soares “Letrar é mais que alfabetizar; é ensinar a ler e escrever dentro de um contexto onde a escrita e a leitura tenham sentido e façam parte da vida do aluno”.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

No processo dessa experiência de alfabetização, a prática de leitura e escrita foram contextualizadas na turma a partir de uma palavra geradora trabalhada pelo coletivo e explorada de forma fonética e silábica, dando início ao texto coletivo. Partindo do conhecimento do objeto de observação, já pré-estabelecido pela professora e bem aceito pela turma, podendo ser uma palavra ou texto. Possibilitando assim, o desenvolvendo da consciência fonológica na construção de novas palavras. É essencial que essa abordagem da leitura e escrita, sejam realizadas em diferentes contextos, através de uma leitura espontânea do conhecimento de mundo da criança. Tanto trazendo as suas vivências para dentro da sala de aula com atividades diferenciadas e alternativas que busquem novas descobertas por meio de pesquisas, produções individuais e coletivas, como também compartilhando as novas experiências adquiridas no seu ambiente familiar.

A interação e participação ativa das crianças contribuíram para o desenvolvimento do projeto dando um maior significado para a aprendizagem por meio das trocas de conhecimentos trazidas pelas vivências individuais e experiências sociais. Essa ação foi possibilitada a partir de um tema ou palavra que despertou o interesse de todos. Neste caso, a palavra geradora “limão” levou para a roda de conversa a importância da utilização do limão, seus benefícios para saúde, no combate as infecções respiratórias e utilização na culinária. Partindo da leitura de textos informativos e instrucionais adaptados para a realidade da turma de maneira clara e objetiva.

No desenvolvimento do projeto, as ações de letramento realizadas foram: Texto coletivo, formação de palavras, receitas do suco de limão, banco de palavras, ditado, ordenação de palavras, benefícios do limão, música, organização de um livrinho de palavras, bem como as atividades lúdicas que estimule o imaginário infantil como as aulas passeio no pátio da escola, desenhos com pintura, atividades adaptadas e confecção de cartaz coletivo. (Fotos em anexo)

Esta metodologia de lançar um tema ou palavra geradora de conhecimento pode ser aplicada e implementada com as devidas adaptações em outros contextos sociais atendendo as necessidades em conformidade com a faixa etária fazendo uso da escrita, leitura e oralidade.

As disciplinas estiveram entrelaçadas em relação aos conteúdos não havendo rupturas ou quebras na comunicação entre as disciplinas, estando sempre interligadas dando continuidade ao desenvolvimento do assunto que está sendo abordado de forma bem clara e objetiva em atendimento aos objetivos curriculares ou área do conhecimento.

No decorrer da execução do projeto as abordagens dos conteúdos ocorreram de forma interdisciplinar através das atividades de leitura e escrita. Coletivamente, trabalhamos alguns conceitos de ciência relacionado ao plantio, importância da árvores e frutos, alimentação saudável; na matemática aprendemos sobre unidade de medidas e quantidade; em artes foi possibilitado a consolidação do conhecimento de cores e coordenação motora através da pintura; na linguagem foi oportunizado um momento de leitura coletiva, compreensão de outros tipos textos como receitas e construção do texto coletivo, a oralidade com o posicionamento das ideias por meio de rodas de conversas, e musicalidade mexendo com o imaginário infantil, facilitando assim, o aprendizado dos alunos; na escrita com a apropriação do sistema de escrita alfabética ao reconhecer diferentes tipos de letras, presente também no ensaio de formação de novas palavras e compreensão de tipos de textos, identificação de semelhanças sonoras em sílabas e rimas, neste contexto, a partir da palavra “limão”.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação, na flexibilidade curricular, prevê que o sistema de ensino deve assegurar a existência de currículos, métodos e técnicas para atender as necessidades específicas dos alunos. Durante o desenvolvimento desse projeto, foram realizadas algumas adaptações das atividades propostas para garantir a participação da aluna portadora de deficiência, pois o processo de inclusão se faz necessário no combate ao preconceito dentro e fora do âmbito escolar. A aluna participou das ações acompanhando a turma em todos os momentos, nos quais foram respeitados o seu ritmo de interação, construção e aprendizagem.

É importante o engajamento e participação do corpo escolar nas atividades diferenciadas, com o apoio direto ou indireto dos envolvidos no processo pedagógico oferecendo recursos ou condições para a execução do projeto, a exemplo da realização do suco de limão, que ocorreu mediante o conhecimento da gestão e coordenação e com práticas compartilhadas em grupo na sala de aula, vivenciadas pelos familiares dos educandos e pelos funcionários da Unidade Escolar. O resultado vai além do objetivo proposto ao promover a interação e a participação de todos, pois incentiva e reforça a importância de consumir alimentos saudáveis e obter os nutrientes essenciais ao nosso corpo.

CONSTRUÇÃO DAS ATIVIDADES

1 - Utilidade do limão para saúde (Texto informativo)

O limão tem múltiplas utilidades, sendo reconhecido pela sua riqueza em vitamina C. Melhora a digestão, alívio de sintomas de gripe e resfriado e fortalece o sistema imunológico. Na culinária é usado para temperar carnes, peixes e saladas.

2 - Música: Receita do Suco de Limão (Ritmo/paródia - Canção de Palavra Cantada)

O que que tem no suco de limão? (2x)



Será que tem água

Será que tem limão?

Será que tem açúcar?

É um, é dois é três

3 - Construção do texto coletivo

O LIMÃO

O limão é azedo e verde. É bom para a saúde.

Serve para fazer suco e temperar carne.

O suco de limão deve ser feito com açúcar, água e limão.

Depois colocar a jarra na geladeira, e prontinho para beber!

4 - Receita do suco de limão Ingredientes:

2 limões

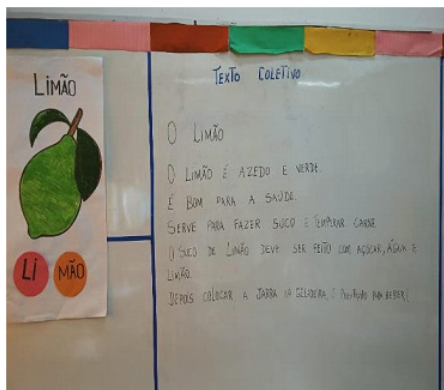
1 colher de sopa e $\frac{1}{2}$ de açúcar 1 litro de água gelada

Modo de preparar:

Descascar os limões e tirar as sementes.

Colocar no liquidificador junto com os outros ingredientes. Bater, e em seguida coar.

REGISTROS DA EXPERIÊNCIA



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para finalizar, durante o desenvolvimento da atividade proposta, foram realizados registros por meio de fotos e filmagens revelando o processo evolutivo da turma na construção e apropriação da leitura e da escrita. Podendo, esse material, ser utilizado como fonte de pesquisa e registro do desenvolvimento individual e coletivo dos alunos durante o processo de alfabetização. Em que mostram a construção evolutiva em alguns níveis da aprendizagem envolvendo o conhecer, compreender, aplicar, analisar, sintetizar e avaliar ao longo da prática de Alfabetização.

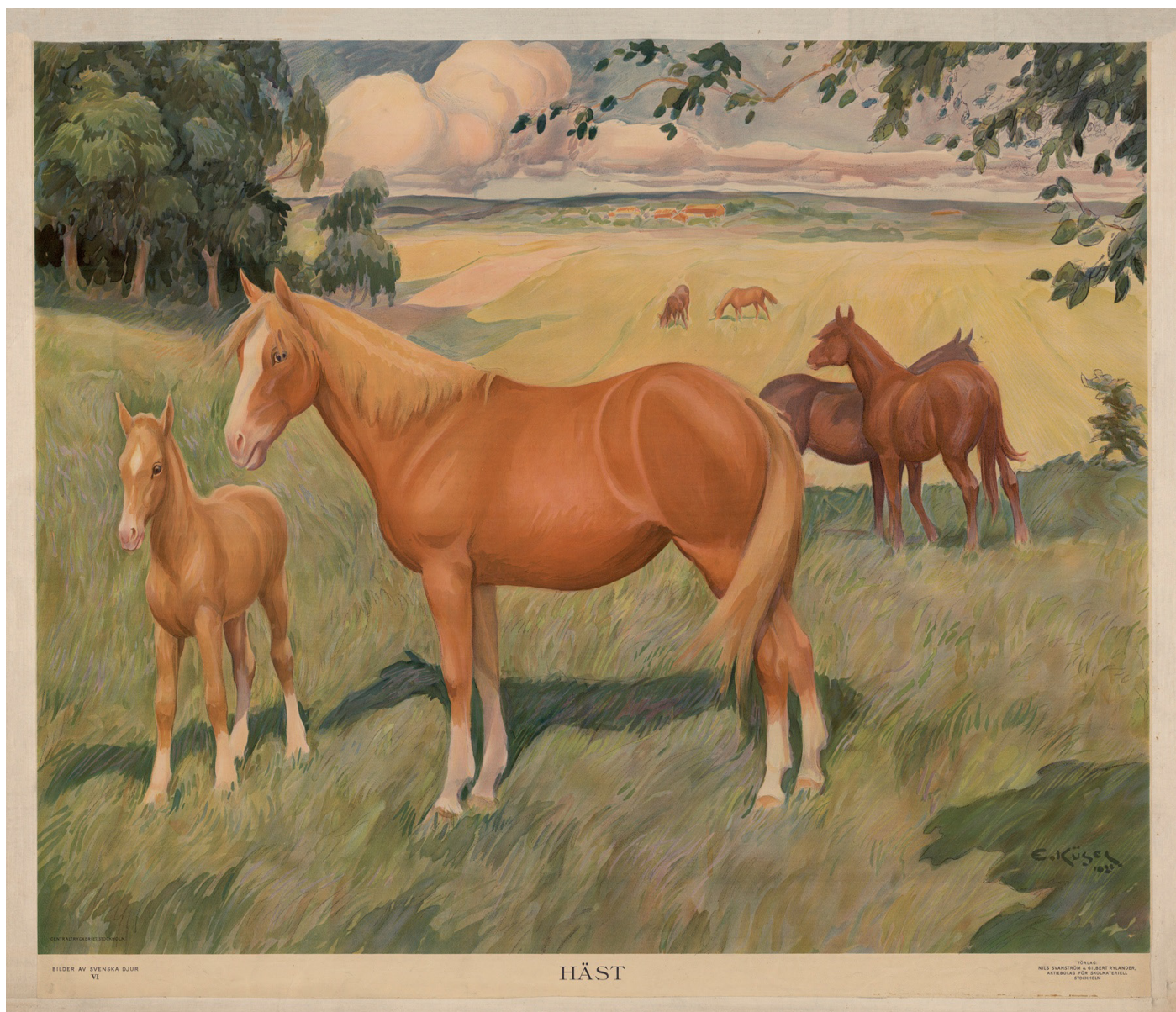
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Canal Futura (Entrevista Magda Soares) SOARES, Magda. **Métodos de alfabetização**. Entrevistador: Antônio Gois. YouTube, 15 dez. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=miVNo1EKz8w>. Acesso em: 21 mar. 2025.

Portal do MEC BRASIL. Ministério da Educação. **Portal MEC**. Brasília, DF, [20--]. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br>. Acesso em: 21 mar. 2025.

Secretaria da Pessoa com Deficiência (SP) SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Estado dos Direitos da Pessoa com Deficiência. **Home**. São Paulo, [20--]. Disponível em: <https://pessoacomdeficiencia.sp.gov.br>.

Acesso em: 21 mar. 2025.



BIOGRAFIA DO ILUSTRADOR

Ernst Küsel

Swedish, 1873-1942



BILDER AV SVENSKA DJUR

FÅR

Illustr.
A.-B. F. A. NORSTEDT & SÖNER,
STOCKHOLM.

Expediente

Expediente

Revista Barbante
Vol. I - Nº 09 - 04 de outubro de 2026

ISSN 3086-3961

Periodicidade: Mensal

Editora-chefe
Rosângela Trajano da Silva

Editora-adjunta
Janiara de Lima Medeiros

Revisão
Dos autores

Conselho editorial
Maria Reilta Dantas Cirino
Shirlene Santos Maфра Medeiros
Maria Emília Monteiro Porto

Webmaster/Webdesigner
Danda Trajano

Ilustrações
Ernst Küsel

Autor corporativo

Rosângela Trajano
Natal – Rio Grande do Norte

Os textos assinados são de inteira responsabilidade dos autores.

